

Entfremdung e Entäusserung

Paulo Meneses *

Resumo: este artigo visa situar e distinguir dois termos hegelianos que se encontram na *Fenomenologia do Espírito*. Trata-se, em ambos, de uma “exteriorização na qual o que era apenas interior se faz exterior, mas com resultados opostos. Em poucas palavras, na *Entfremdung* (alienação), o sujeito se perde e não pode retornar sobre si mesmo: sofre um ‘desessenciamento’. Ao contrário, na *Entäusserung* (extrusão) ele se encontra, nela se reconhece e retorna sobre si mesmo, consigo reconciliado e enriquecido com as determinações do *ser*. O artigo percorre as diferentes passagens em que os termos aparecem, com diversos matizes, conforme a diversidade das figuras. **Palavras-chave:** Entfremdung (alienação), Entäusserung (extrusão), Hegelianismo, *Fenomenologia do Espírito*.

ENTFREMDUNG THE ENTÄUSSERUNG

Abstract: this paper aims to bring forward and differentiate between two Hegelian terms that are present in “Phenomenology of Spirit”. Both apply to an exteriorization in which something that was interior becomes exterior, but with opposite logical outcomes. In other words, in *Entfremdung* (alienation), the subjects goes astray and cannot return to itself: it suffers a *loss of essence*; whilst in *Entäusserung* (extrusion) it finds and recognizes itself in it and returns upon itself, reconciled with itself and enriched with the determinations of *being*. The paper discusses different segments of the book, in which the terms appear, in different nuances, according to the diversity of forms that Spirit assumes. **Key-words:** Entfremdung (alienation), Entäusserung (extrusion), Hegelianism, *Phenomenology of Spirit*.

Essa dicotomia em Hegel e mais especialmente, na *Fenomenologia do Espírito*, parece ser muito importante, mas, paradoxalmente, deu lugar a muito equívoco. Marx, por exemplo, confunde os dois conceitos, (ou considera que toda *Entäusserung* é sempre uma *Entfremdung*, nunca podendo haver na exteriorização uma realização do ser, mas somente um esvaziamento). Hyppolite, por sua vez, troca um termo pelo outro e parece não ver com clareza sua distinção.

* Prof. da UNICAP, Doutor em Filosofia

Entfremdung vem de FREMD (alheio); traz a idéia de alienar, ou de alienar-se, tornar-se estranho a si mesmo. Conota uma perda, um “desessenciamento” – outro termo de Hegel que tem certa afinidade com o primeiro.

Entäußerung vem de AUSSER (fora) e conota a idéia de uma vinda-para-fora, um sair de si, e também uma objetivação, um “fazer-se ser” ou “ser-aí”, ou mesmo, uma “coisificação”. Mas, há também Äusserung (exteriorização), que, em certos contextos, parece ter o mesmo sentido de Entäußerung, como em Fenomenologia do Espírito § 10: “*Die Kraft des Geistes ist nur so gross als seine Äusserung; seine Tiefe, nur so tiefe als er in seiner Auslegung sich auszubreiten und sich zu verlieren getraut*”. (A força do espírito só é tão grande quanto a sua exteriorização; sua profundidade só é profunda, na medida em que ousa expandir-se e perder-se no seu desdobramento).

Essa dicotomia é um jogo de conceitos, próprio da “Fenomenologia”. Na “Filosofia do Direito”, impera a Entäußerung. No contexto jurídico, Entäußerung é alienação de um bem, de um patrimônio, que, por esse ato, se torna alheio a quem dele se despossuiu, não sendo mais “próprio” ou propriedade dele. Segundo Enrique Dussel, o termo foi introduzido no alemão por Lutero, ao traduzir a “kenose” de Filipenses, 2,7. Quando a Vulgata diz que o Verbo *exinanivit* (*ekénosen*) a si mesmo, Lutero escreveu *entäusserte.sich*). Dali passou para Hegel, através de seus professores de teologia de Tübingen. (Dussel, op. cit pág. 262, n. 34).

Porém, há mais: segundo Labarrière, Hegel, inicialmente, não tinha fixado sua terminologia, como se vê no Prefácio da Fenomenologia do Espírito § 19: *An sich ist jenes Leben wohl die ungetrübte Gleichheit und Einheit mit sich selbst, der es kein Ernst mit dem Anderssein und der Entfremdung sowie mit dem Überwinden dieser Entfremdung ist.* (“A vida de Deus é, em-si, tranqüila igualdade e unidade consigo mesma: não lida seriamente com o ser-Outro e a alienação, nem tampouco com o superar dessa alienação”). O autor observa (nota 3, pág. 82): “*Entfremdung* – Em sua acepção lógica, esse termo conota a impossibilidade de

um retorno, a partir de uma exterioridade radicalmente "estranha", (*fremd*). Ao contrário, a saída de si, que exprime a interioridade *como exterioridade*, exprime-se através do termo 'extrusão' (*Entäusserung*). Essa distinção encontra-se na explicitação das figuras fenomenológicas (ver o estudo de Joseph Gavin, intitulado "Entäusserung et Entfremdung dans la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel" em *Archives de Philosophie*, oct. déc. 1962, p. 555-571.

Antes de passar à análise dos dois conceitos na Fenomenologia do Espírito, devemos ter presente, antes de tudo, que Entäusserung e Entfremdung se opõem como gênero e espécie: ou seja, toda alienação é um tipo de extrusão, que poderia ser chamada "extrusão perversa", enquanto nem toda extrusão é alienação. Só que a "boa extrusão" não recebe nome que a especifique, denomina-se extrusão sem mais; possivelmente, daí procede boa parte da confusão entre os termos. A alienação supõe uma extrusão, é gerada por ela, só que seu resultado, ou objetivação, é excessivo: escapa e se perde do sujeito que o produziu. (ver # 487 até # 491). # 488 "*Frente a ele se comporta como se fosse um mundo estranho*". O indivíduo não se reconhece nessa sua exteriorização-objetivação: toma-a como um objeto estranho, e mesmo hostil. Dela não há retorno, isto é, o indivíduo não chega a refazer sua unidade, reconciliar-se com esse objeto numa unidade verdadeira. Mas a alienação pode "alienar-se a si mesma, e mediante isso, o todo se recuperará em seu conceito" (*die Entfremdung wird sich selbst entfremden, und das Ganze durch sie in seine Begriff sich zurücknehmen* # 491). Para não entrar em contradição com outras afirmações de Hegel, deve-se pôr a ênfase na palavra "conceito". É só no conceito que se pode recuperar, ou mesmo diria, para nós, filósofos, que vemos a totalidade do processo, e entendemos sua dialética; e não no mundo real do espírito alienado de si mesmo.

I - Entfremdung

Há toda uma parte da Fenomenologia, dedicada à alienação do espírito, a qual produz a "cultura" do "Ancien Régime": **O**

espírito alienado de si mesmo: a cultura. O “mundo” produzido por essa alienação se divide em dois: um é o mundo da efetividade, ou o da alienação do espírito; o segundo, o mundo em que o espírito, elevando-se sobre o anterior, constrói para si no éter da pura consciência”. O reino da efetividade, por sua vez, cinde-se entre o político e o econômico. Pela alienação política, constitui-se o Estado: é pela abdicação total da liberdade dos indivíduos em favor de um soberano, que esse pode dizer: “*L’État, c’est moi*”. Pela alienação econômica, o homem põe sua essência na fruição das riquezas; e o indivíduo só é alguém, pelas honras e reconhecimento que recebe do soberano/Estado, e pela ostentação das riquezas que o fazem reconhecido como fidalgo e gentil-homem. Esse mundo, no entanto, é o mundo da cultura: por ele, o indivíduo sai de sua insignificância individual e acede ao universal: ao refinamento da bela palavra e da espirituosidade, ao reconhecimento da sociedade que o acolhe e admira, pelo prestígio que o rei lhe outorga e pelos bens que lhe dão acesso ao luxo e a uma vida brilhante. Mas ali o indivíduo se exalça como universal e se perde como realização pessoal: uma existência de aparências, um mundo “virtual” ou de “simulacro”, diríamos hoje. Mas, como nota Labarrière, acima citado, desse mundo de alienação não há retorno. Ao buscar uma saída, o que se encontra é uma “alienação da alienação”, ou uma alienação à segunda potência. Perde-se num mundo ainda mais vazio, ou seja, opera-se a fuga em direção ao vácuo, para escapar ao esmagamento, ou “sufoco”, do mundo real. Pois há, por assim dizer, uma lei nesse mundo de alienação: de que tudo se constitua por cissiparidade, ou em dicotomias. (Isso parece característico do viés esquizofrênico da alienação; enquanto, na extrusão, a unidade se restabelece pela reconciliação entre o sujeito e o objeto, o indivíduo e seu mundo, o conceito e a efetividade, o interior e o exterior).

A dualidade Estado/riqueza recobria uma dualidade mais fundamental, que oscilava entre os pólos do Bem e do Mal, numa alternância em que cada uma das determinações ocupava um dos pólos. Agora, o espírito alienado da cultura, ao querer escapar de seu mundo, também se bifurca, produzindo duas figuras: a do puro

pensamento e a da fé. # 487 *“Esse mundo, oposto àquele alienação, por isso mesmo não é livre dela, mas é antes apenas a outra forma da alienação, que consiste precisamente em ter a consciência em dois mundos diversos, e que abarca a ambos”*. O “puro pensamento” parece ter inspirado em Marx a “alienação filosófica” – esse pensamento, desvinculado do real (que tem parentesco com a “sofisticaria” e o pensamento “raciocinante” - de que se fala no Prefácio de Fenomenologia), ao querer escapar do mundo da cultura e traduzi-lo em noções, perde-se em si mesmo, e quanto mais progride, mais se afasta da realidade do mundo. A outra evasão do mundo é a “Fé”, essa figura que a religião assume no mundo da cultura. O indivíduo tenta escapar da alienação e angústia, que ali o oprimem, fugindo para um mundo imaginário: o mundo aprazível da Fé, réplica invertida do mundo real. O mundo da Ilustração e o da Fé se combatem e anatematizam com ardor, sem se darem conta de quanto se assemelham, por sua origem e objetivo comuns. O embate histórico da Ilustração contra a Fé é cheio de equívocos e mal-entendidos, embora, no balanço final, a Ilustração vença a Fé, porque consegue contaminá-la com seu racionalismo.

Há, na Fenomenologia, outras situações em que o indivíduo e o Estado se relacionam, ou mesmo, se opõem, mas em que não existe propriamente a “alienação”. Vemos-la, primeiro, na “Eticidade”, que tem por modelo ideal a cidade grega. Ali não pode haver alienação, porque o indivíduo está plenamente submerso no “compacto da substância”: sua vontade, seu projeto de vida, têm identidade total com os da comunidade. Quando começa o distanciamento, pelo espírito crítico da tragédia e, mais ainda, da comédia, esse mundo entra em processo de “desvanecimento”.

Já no “**Estado de Direito**”, que remete ao império romano, o indivíduo não interessa por sua peculiaridade pessoal, nem tem a mínima participação no mundo político: é apenas um átomo intercambiável, só presente como sujeito de direito – bem entendido, de direito civil, que rege a esfera privada, onde ele se encontra encerrado, como num círculo de ferro. Acima de todos, está o

Senhor do mundo, o Imperador que se apoderou da liberdade de todos e a todos oprime com seu arbítrio fora de toda ética. É a opressão total, produzida pelas forças da devastação, que se voltam contra o próprio Senhor do mundo, fazendo dele um monstro, tipo Calígula ou Nero.

A dialética do “Senhor e do escravo” é mais complexa. Nela, há uma certa alienação do escravo que põe sua essência no Senhor, em favor do qual renuncia e abdica de si mesmo, ante o medo da morte. Porém a morte não acontece – ela que é o Senhor absoluto – e porque a vida continua, o relacionamento entre os dois pólos – Senhor e escravo – que fora estabelecido em função da morte, torna-se ambíguo e contraditório. Na verdade, o Senhor acaba dependente do escravo, para a satisfação de suas necessidades mais elementares e, de outro lado, o escravo, pelo trabalho, se humaniza, e alcança um patamar de dignidade humana, acima do seu Senhor. Aqui se encontra uma situação em que parece haver uma superação (*Überwinden*) da alienação - dessa situação da qual Labarrière dizia não haver retorno. Com efeito, o escravo encontra uma saída através do trabalho. Mas, poder-se-ia talvez observar que a situação inicial da alienação já entrara em declínio desde o começo, pois era uma reação diante da morte; mas, ao optar-se pela vida, entrou-se numa torrente que deixou a situação traumática original cada vez mais para trás, e possibilitou uma saída, um atalho, ou melhor, uma mediação para esquivar-se da alienação inicial.

Outra situação de alienação é a da “**consciência infeliz**”. Situação complexa, pois há uma alternância entre as duas consciências em que ela se cinde: uma é sempre a outra, consciência ao mesmo tempo duplicada e indivisa. (Fenomenologia ## 207 e 208). A consciência infeliz identifica-se com um dos pólos, o pólo inferior e inessencial da mutabilidade: mas põe sua essência no pólo superior, no Imutável. Pode-se então dizer que nele se aliena; que é um exemplo típico da “alienação religiosa”. Porém, a situação é bem mais complexa que isso, porque na alta mística, a alma se torna um com seu Deus; mas, sobretudo, porque o Imutável se faz figurado e vem ao encon-

tro dela, que, por sua vez, pelo desejo e pelo trabalho, recupera sua essência.

Resta falar do “**Terror**”, que encerra essa segunda parte do “espírito alienado de si mesmo”. Em muitos aspectos, lembra o “Estado de Direito” onde havia a cisão entre o Senhor e os átomos das individualidades, a cisão entre a universalidade inflexível e fria de um lado, e a dureza egoísta dos átomos conscientes-de-si que não são susceptíveis de nenhuma mediação. Não se diz que estes indivíduos “se alienem de si mesmos”, mas, que há uma usurpação, através da “violência destruidora que o Senhor do mundo exerce contra o si de seus súbditos” (# 482 , 483); é ele uma potência negativa, “cujo Si é puro ato de devastar”, “consciência-de-si descomunal que se sabe como deus efetivo, cujo gozo de si mesmo é uma orgia colossal”. Ele operou assim, uma “devastação” no resto dos “átomos conscientes-de-si”, que se tornam “um caos de potências espirituais, que, (# 483) “desencadeadas como essências elementares em selvagem orgia, se lançam umas contra as outras, frenéticas e arrasadoras”. A palavra, aqui, é inessencialidade (*Unwesenheit*), “perda de sua essência” (*Verlust seines Wesen*), paralela ao “desessenciamento” (*Enwesung*) de outros textos.

Nessas três figuras (**Estado de Direito, Senhor e Escravo, Liberdade absoluta e Terror**), há acentuados paralelismos. Compare-se, por exemplo, esse naufrágio “na necessidade simples do destino vazio”, com a Morte, o Senhor absoluto, na dialética do Senhor do Escravo, ante o qual todo o ser se dissolvia; e com a Morte, também onipresente no Terror - que fecha a Seção “Cultura”, assim como o Estado de Direito concluía o “Mundo ético”. Essa presença da Morte ainda acentua que não se trata de alienação propriamente dita, em que o sujeito ou o Espírito *se aliena de si mesmo*, mas de um esvaziamento ou devastação, operada sobre o sujeito por uma potência mortífera, que lhe arranca a essência – que é a liberdade – ou mesmo, que ameaça ou elimina sua própria existência; no caso do Terror, cortando-lhe a cabeça como se “corta uma cabeça de couve”.

Em suma: há diversas figuras da alienação, umas bastante complexas, como a da consciência infeliz, com sua instabilidade de pólos, em que o inferior, por sua vez, se identifica com o pólo superior, e a alienação do mundo da cultura, que se opera por cissiparidade, e onde se encontra uma “alienação da alienação”, ou uma alienação à segunda potência. Em todos os casos, a alienação não é uma realização do indivíduo, mas um esvaziamento desse, embora produza realidades tão brilhantes como no mundo da cultura. Porém, as coisas se complicam ainda mais, quando entra a “mediação alienadora da linguagem”, e nessa passagem, a *Entäusserung* e a *Entfremdung*, (extrusão e alienação, como traduzimos) se entrelaçam e alternam, dificultando a distinção dos dois conceitos. Abaixo, apresentamos nossa solução, caracterizando a linguagem como sendo uma “extrusão” e, na verdade, a “exteriorização” por excelência do Eu, mas cuja mediação opera uma alienação: justamente a alienação constitutiva do mundo da cultura.

Esta é a caracterização geral do “**mundo da cultura**” (# 488)

“O ser-aí desse mundo, como também a efetividade da consciência-de-si, descansa no movimento pelo qual a consciência-de-si se extrusa de sua personalidade e assim produz o seu mundo; frente a ele se comporta como se fosse um mundo estranho, do qual devesse agora apoderar-se”.

Vê-se bem, neste texto, como a alienação supõe uma extrusão, que se torna alienação quando o indivíduo nela não se reconhece.

A morte, que aparece nas figuras acima estudadas, é aqui designada como um tipo de extrusão – a extrusão essente – de todo contrária à verdadeira extrusão, da qual há retorno ao Si, à consciência. Vejamos: “*O sacrifício do ser-aí, que ocorre no serviço, só é completo quando chega até à morte*”; mas o perigo superado da própria morte a que se sobreviveu (ver a dialética do Senhor e do Escravo) deixa o resíduo de um determinado ser-aí, e com isso, de um particular Para-si” – uma opinião própria e uma

vontade particular. E assim se torna uma consciência vil, sempre disposta à rebelião contra o poder do Estado. Essa contradição tem de ser suprassumida, não pela extrusão do ser-aí que é a morte – que não passa de uma extrusão essente, à qual nem a consciência sobrevive, pois passa ao seu contrário não reconciliado – mas por uma extrusão que retorne à consciência. [# 508] *“Ora, essa alienação somente se dá na **linguagem**: por ela, como movimento mediatizante”, como meio-termo, resulta em uma alienação : pois o poder-do-Estado só passa para a consciência como honra, mas não passa efetivamente”*.

Vale observar que, para Hegel, o poder do Estado não é, por si mesmo, uma alienação; é antes,

“a absoluta Coisa mesma, a obra universal na qual é enunciada aos indivíduos sua essência”. Mas o próprio do mundo da cultura é que *“o indivíduo não encontra no Estado sua individualidade como tal: encontra seu ser-em-si, mas não seu ser-para-si ; ou melhor encontra nele seu agir, mas como agir denegado e submetido à obediência. O Poder do Estado é para ele a potência opressora”*.

Isso acontece tanto na “consciência nobre”(# 500), ou seja, nos cortesãos que servem e adulam o monarca absoluto, no *“heroísmo do serviço da pessoa que renuncia à posse e ao gozo de si mesma que age e é efetiva para o poder vigente”*, quanto nos outros, fora desse círculo, que vêem na soberania uma algema e uma opressão do ser-para-si; por isso, odeiam o soberano, só obedecem com perfídia, e estão sempre dispostos à rebelião”. Também não é a riqueza (a esfera ou atividade econômica) que é alienação, mas a riqueza recebida como um favor, prêmio ou outorga do soberano ou benfeitor, que só vale pela ostentação e consumo conspícuo - um gozo efêmero em que os nobres e privilegiados se perdem - e que causa revolta na “consciência vil”.

Como observamos acima, esse mundo da cultura é o da cissiparidade. Nesse ponto, é a alienação política que se acompanha da alienação econômica. Aqui, em relação ao mundo econômico, os pontos de vista hegelianos são demasiado ideais, ou mes-

mo ideológicos. (Parece paradoxo ou ironia, caracterizar a riqueza como uma “essência cujo espírito é ser sacrificado e entregue” e nos albores do capitalismo, dizer que “*a riqueza existe como benefício universal*”, *que sua essência necessária universal consiste em comunicar-se a todos os singulares, em ser a doadora de mil mãos*” # 497). Seu discípulo, Marx, deu uma dimensão incomparavelmente mais rica ao tema da alienação econômica. A mediação agora é a do trabalho, cujo produto se aliena do trabalhador e vai somar-se ao capital, que é o outro pólo da relação. A dissociação ainda se acentua no fetichismo da mercadoria, em que o fruto do trabalho passa, por assim dizer, por uma “alienação na alienação” e nos fluxos monetários que tomaram, de maneira crescente, o lugar dos fluxos reais na economia capitalista.

Assim, parece suficientemente caracterizada a **Entfremdung** (alienação) que, por um lado, constitui um esvaziamento, ou perda de essência, em benefício de um ser-aí outro, alheio (*fremd*), em que o sujeito não se reconhece, e que antes se lhe opõe como algo adverso. Por outro lado, é uma situação donde não há retorno. Ao contrário, ao procurar uma saída, pode incidir numa “alienação da alienação”, como numa das figuras do mundo da cultura. Mas, se não há retorno, propriamente, nessa figura, ela tem, necessariamente, de ser ultrapassada, pois a dialética não pára; será cedo ou tarde “suprassumida” no processo total do espírito.

II – Entäusserung

Bem diversa da *Entfremdung*, ponto por ponto, é a *Entäusserung*. Em lugar de um desessenciamento, temos aqui um fazer-se ser. Em vez de um esvaziamento, empobrecimento, temos uma força que faz o que é puramente interior, exteriorizar-se, objetivar-se. E sobretudo, nessa objetivação, o sujeito se reconhece e retorna para si mesmo, conhecendo-se melhor do que antes se conhecia, num enriquecimento, tanto no plano do conhecimento, quanto no da realidade.

É recorrente, em Hegel, caracterizar a *Entäusserung* pela força que implica. Por isso, traduzimo-la por “extrusão”, apesar

de ser palavra insólita, a não ser no vocabulário da metalurgia ou da geologia. Mas o uso metafórico não é sempre uma “metábasis eis allo génos”? Não encontramos em nosso idioma, outro vocábulo que transmitisse essa noção de uma exteriorização feita com força. (Aliás, exteriorização já corresponde a *Äusserung*, e se necessitava de outra palavra para *Entäusserung*). Criticaram severamente a audácia de introduzir esse termo, como também outros, usados em nossa tradução da Fenomenologia, mas sem convencerem, porque não apresentaram sugestão melhor.

Citamos três textos, que nos pareceram emblemáticos, em nosso Roteiro “Para ler a Fenomenologia do Espírito” (Ver a 2ª edição p.10): note-se a presença da força, **Kraft**, em todos eles.

1º - Na figura da “**Bela Alma**”: # 658:

“Falta-lhe (à Bela Alma) a força da extrusão, a força para fazer-se coisa e suportar o ser”. “Na transparente pureza de seus momentos arde, infeliz, uma assim-chamada bela-alma, consumindo-se a si mesma e se evapora como nuvem informe que no ar se dissolve” 2º - *“A força do indivíduo consiste em ... extrusar-se de seu si e pôr-se assim como substância essente objetiva”. Ou em outro lugar, # 488 - “O “ser-aí” deste mundo, bem como a efetividade da consciência-de-si, repousam no movimento em que esta se extrusa de sua personalidade, produzindo assim o seu mundo”*.

Nesses textos, fica claro que a “*Entäusserung*” requer força, ou que ela mesma é força. Está também explícito seu resultado: “*Fazer-se coisa*”, “*Suportar o ser*”, “*Pôr-se como substância efetiva*”, “*Criar seu mundo*”. Isso é: sair do puro interior para o exterior, objetivar-se, tornar-se um “imediato”. É um processo doloroso, pois tem de passar pela negatividade, e mesmo, por um radical dilaceramento, além do qual se encontra consigo mesmo. É a força mágica (*Zauberkraft*) que o transforma em ser (Fenomenologia, # 32).

Outra característica, que distingue ainda mais a extrusão da alienação, é que o sujeito se reconhece nessa exteriorização, e mesmo, se conhece melhor depois dela e nela. Dali retorna sobre

si mesmo, enriquecido com as determinações do exterior, ou da ordem do ser. Comprovou o que era em si e para si nesse ser outro, e está agora consigo mesmo reconciliado.

Pode-se entender isso melhor, examinando a extrusão que é a **linguagem** (# 507 e # 508 da Fenomenologia). São passagens em que alienação e extrusão se alternam e incluem, como acima foi dito, tornando difícil sua distinção. Damos a interpretação que nos parece coerente, à luz de outras passagens.

“[O sacrifício de si, que ocorre no serviço] é uma extrusão do ser aí, (que só na morte se completaria) – uma extrusão essente, e não uma extrusão que retorna à consciência. Aliás, tampouco a consciência lhe sobrevive, nem é em si e para si, mas passa somente ao seu contrário não reconciliado. Mas a linguagem é o ser-aí do puro Si; pela linguagem entra na existência a singularidade para si essente da consciência de si, de forma que ela é para os outros. O Eu, como este puro Eu, não está aí de outra maneira: em qualquer outra exteriorização (Äusserung) está imerso em uma efetividade da qual pode retirar-se: ele é refletido sobre si mesmo a partir de sua ação ... deixando jazer inanimado um tal ser-aí imperfeito, onde sempre está demasiado como demasiado pouco. Porém a linguagem contém o ser-aí em sua pureza; só expressa o Eu, o Eu mesmo. Esse ser-aí do Eu é, como ser-aí, uma objetividade que contém a verdadeira natureza dele.”

Vemos, portanto, que a extrusão da linguagem expressa o Eu, na qual ele está em sua pureza: é uma objetividade que contém sua verdadeira natureza. Estamos, pois, no pólo oposto à Entfremdung, pois, no caso da alienação, é uma objetividade que não expressa a verdadeira natureza do Eu, mas, antes, onde ele não se reconhece, e que o defronta como uma potência estranha. É verdade que, nessa seção da Fenomenologia, a linguagem está num contexto de alienação, ou seja, opera uma alienação, ao constituir o poder e a glória do Monarca, dizendo o que ele é; mas trata-se de uma mediação em que a linguagem atua como instrumento (ou demiurgo) da criação de um mundo.

Seria, talvez, a ocasião de observar que, se essa linguagem constrói o Poder do Monarca absoluto, outra linguagem poderá “desconstruí-lo”. Mais do que a linguagem do “dilaceramento”, que Hegel encontrou no romance de Diderot, *“Le neveu de Rameau”*, ele poderia ter estudado a linguagem revolucionária dos jacobinos que “desconstruiu” o poder do Monarca, caracterizando-o como “Déspota e Tirano” - reduzindo a um reles criminoso esse “deus” (adorado pelos cortesãos, que na capela de Versailles ficavam de costas para o altar e voltados para ele) e fazer que as cabeças coroadas fossem cortadas, igual à de qualquer inimigo da República, como simples “cabeças de couve”. Mas seria muito exigir de Hegel, que passou dos entusiasmos juvenis pela revolução francesa, para uma forte antipatia diante do seu desenrolar-se, e terminou caracterizando-a como puro Terror. De minha parte, quando leio esses parágrafos sobre a “Coisa mesma”, o que me ocorre, como ponto de referência histórica, são as Revoluções francesa e americana; e imagino que Hegel, que as conhecia muito bem, não podia esquecê-las quando escrevia esta Seção.

A “Coisa Mesma”. Parece-nos que a exposição mais clara da extrusão está na Seção “A Coisa Mesma” da “Individualidade real em si e para si”. É uma dialética rigorosa, que parte do conceito interior, no qual tudo parece unido e coerente; daí passa à obra e exteriorização, onde surgem contradições e conflitos por todos os lados; e enfim, tudo é suprassumido no terceiro momento dialético, que restaura a unidade da consciência e da substância e que recebe o nome de “Coisa Mesma”. O texto é muito complexo, de uma excepcional riqueza, até mesmo comparado ao conjunto da Fenomenologia; e como na “Linguagem”, também termina - e encontra seu pleno sentido - nessa comunhão de consciências que Hegel chama “Espírito”. Pode considerar-se também a “Filosofia da ação” hegeliana, desenvolvida bem antes de Blondel.

Analísá-la, exigiria um longo artigo, ou mesmo, um volume. Vamos apenas destacar alguns textos principais. # 401:

“O agir, precisamente, é o puro trasladar da forma do ser, ainda não representado, para a forma do ser representado”. # 404 : O

indivíduo não pode saber o que ele é, antes de se ter levado à efetividade através do agir”. “Só da ação aprende a conhecer sua essência originária...” . Seja o que faça ou que lhe aconteça, foi ele que fez, e isto é ele: ... é o traslado de si mesmo da noite da possibilidade para o dia da presença: e pode ter esta certeza: o que vem ao seu encontro na luz do dia é o que jazia adormecido na noite”. Assim, o indivíduo porque sabe que em sua efetividade nada pode encontrar, a não ser a unidade dela com o próprio indivíduo, ou somente a certeza de si mesmo em sua verdade, ... só sente em si alegria”. # 405: “A obra é a realidade que a consciência se dá. Nela, o indivíduo é para a consciência o que é em si” de modo que a consciência para a qual vem a ser na obra não é consciência particular, mas sim a universal”. # 406: “Na obra a consciência vem a ser para si mesma tal como é em verdade, e desvanece o conceito vazio [que tinha] de si mesma”.

A consciência retorna sobre si mesma, a partir desse momento da pura objetividade, suprassumindo-o e elevando-se ao universal, que é sua verdade. # 409: “*Mas a efetividade objetiva é um momento que na própria consciência não tem mais verdade em si : a verdade consiste somente na unidade da consciência com o agir, e a obra verdadeira é somente essa unidade do agir e do ser, do querer e do implementar*”. # 411: “Por conseguinte, na Coisa Mesma, enquanto interpenetração que se tornou objetiva da individualidade e da objetividade mesma, veio-a-ser para a consciência seu verdadeiro conceito de si, ou chegou à consciência de sua substância”. (Notar o *gewordenen* que aparece duas vezes nessa frase. Trata-se de um processo, de um vir-a-ser: não é algo “encontrado, achado por aí”, termos que Hegel contrapõe com firmeza, como Nietzsche contrapunha o que “brotava das raízes”, com a “invenção fortuita”).

Nas passagens acima, a extrusão não está nomeada, mas está descrita e analisada em suas características. É uma objetivação ou exteriorização em que o sujeito se exprime no que ele é, na qual se reconhece e se conhece melhor do que em sua pura interioridade e donde retorna a si, suprassumindo-a na unidade da individualidade e da objetividade, da interioridade e da

exterioridade, no universal ou no Espírito. (# 418: *Essência de todas as essências ou essência espiritual*) – Estamos pois, nos antípodas do desessenciamento (*Entwesung*) da alienação, se ainda fosse preciso insistir na diferença e oposição dos dois conceitos.

Conclusão

É uma das ironias da história: um pensador como Hegel, que tanto valorizou a ação humana, e que procurou entender o ser humano nas suas criações - cultura, história, arte, religião - que definiu o homem como ação, linguagem, trabalho, seja estigmatizado como um pensador abstrato e irrealista: ele que só valorizava o concreto e só entendia a ética e os valores como encarnados na realidade histórica. Considerava a leitura dos jornais matutinos como a oração da manhã do homem moderno. Parece-me que abstratos são seus críticos e detratores, que não souberam captar o ritmo do pensamento dialético, que é o único pensamento não-abstrato, pois é a identidade da identidade com a não identidade, ou seja, a convergência, ou melhor, a supressão dos opostos numa unidade concreta, em que a diversidade não dispersa a unidade, mas a constitui e enriquece, e a unidade não anula a plenitude da diversidade, mas nela se expressa e expande.

“A força do Espírito só é tão grande quanto sua exteriorização; sua profundidade só é profunda na medida em que ousa expandir-se e perder-se em seu desdobramento” *Die Kraft des Geistes ist nur so gross als ihre Äusserung : seine Tiefe, nur so tiefe als er in seine Auslegung sich auszubreiten und sich zu verlieren getraut*”. (Fenomenologia # 10).

Referências

Texto alemão

Phänomenologie des Geistes, Ed. Suhrkamp, 1984.

Traduções

Portuguesa: MENESES, Paulo. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes 2 vols.1991 e 1992, (agora na quarta edição).- Utilizamos a numeração da tradução inglesa de Miller, que dá um número a cada parágrafo da Fenomenologia, para facilitar as citações.

Francesas: (HYPPOLITE, LEFREBVRE, LABARRIÈRE).

Italiana: NEGRI.

Inglesa: MILLER.

Espanhola : ROCES.

Comentários

MENESES, Paulo. *Para ler a Fenomenologia do Espírito* : roteiro. 2. São Paulo : Loyola, 1992.

HYPPOLITE, Jean. *Genèse et Structure de la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel*. Paris : Aubier-Montaigne, 1946.

LABARRIÈRE, P. J. *Introduction à une Lecture de la Phénoménologie de l'Esprit*. Paris : Aubier-Montaigne, 1979.

_____. *Structures et Mouvement Dialectique dans la Phénoménologie de l'Esprit*. Paris : Aubier-Montaigne, 1968.

GAVIN, Joseph. Entäusserung et Entfremdung dans la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel. *Archives de Philosophie*, Paris, p. 555-571, oct.-déc. 1962.

_____. *Wortindex zu Hegels Phänomenologie des Geistes*. Bouvier Verlag, Bonn, 1984.

DUSSEL, Enrique. *Ética comunitária*. 2. ed., Petrópolis : Vozes, 1987.